

RESIDÊNCIAS CONTRA|O|TEMPO

AS CANÇÕES QUE CANTAMOS CONTRA OS MUROS QUE LIMPAMOS

Catarina Vieira

Aixa Figini

Josefa Pereira

21 DE JUNHO –
18 DE JULHO 2021

Sala Brincante,
Bonifrates,
Colégio das Artes,
Coimbra

LINHA
de FUGA

CANTEMOS O QUE NÃO TEMOS CANTADO

Como a voz e o coletivo podem expressar uma força

Catarina Saraiva e Marta Rodrigues, a partir dos textos da artista e de entrevista com equipa artística

Criação para o espaço público, em torno da figura de um coro de mulheres. O processo de criação de Catarina Vieira, em colaboração com Aixa Figini e Josefa Pereira, decorreu entre 21 de junho e 18 de julho em vários espaços de Coimbra (Sala Brincante d'A Cena Lusófona, Bonifrates e Colégio das Artes). Incluiu um workshop de voz e movimento onde participaram 8 mulheres locais com a intenção de experimentar as práticas desenvolvidas num espaço público. Às criadoras interessava explorar o potencial estético e político em torno da figura do coro — um coletivo de vozes que negociam o seu anonimato e singularidade no esforço de sustentar juntas uma harmonia efémera. Interessava-lhes também a relação entre voz, corpo e fragilidade, desconstruindo a crença de que a

conquista de visibilidade, de ocupação, de contaminação deve estar associada a uma ideia de força, de potência, de clareza. O que é uma voz vulnerável? Pode a vulnerabilidade contaminar? Poderão haver outros modos de estar presente, de reclamar um lugar? A pesquisa cénica e coreográfica centrou-se nesta relação entre espaço íntimo e espaço público, procurando ativar a paisagem como uma caixa de ressonância, onde as vozes, os corpos e os movimentos mapeiam e amplificam a vulnerabilidade que já está em nós, entre nós e no mundo. Propagando-se corpo a corpo, do corpo para a arquitetura, da parede para a voz, da memória para o gesto, do gesto para o desejo de futuro.

No workshop fizeram um levantamento, através de práticas de



movimento, de canto e de escrita, das palavras silenciadas. Se, como disse a Audre Lorde, “your silence will not protect you”, então talvez seja melhor cantar. Desafiar a imposição desse silêncio juntas, com canções vindas de uma necessidade urgente de nomear o que nos incomoda, o que nos move. Este é um gesto artístico feminista e com uma grande componente ativista, que pretende criar um espaço coletivo de escuta e de sintonização com as vozes, as emoções, as biografias de cada mulher que participou. Interessava-lhes trabalhar exclusivamente com mulheres, porque estas vozes têm séculos de silenciamento. Que repertório de canções poderia trazer cada uma? Canções de esconjuro, de reclamação, de ira, de transformação. Qual seria o repertório coletivo que o nosso encontro pode gerar? Que palavras podemos criar juntas? Que refrões? Que melodias se inscrevem nas diferentes partes do nosso corpo? Como podemos movê-las para que

comecem finalmente a falar e a cantar? As melodias que se pegam ao ouvido e que vão tecendo as redes invisíveis que precisamos de construir.

Como foi em Coimbra?

Foi fundamental, nesta altura do processo bastante inicial, trabalhar sobre perguntas e fazer um mapeamento de exercícios que cada uma das artistas trouxe consigo. Ao trabalhar transversalmente, algo que vem da forma e da trajetória de cada uma, muitas vezes respondiam a uma pergunta ou uma prática a partir da sua própria formação (som para Aixa, movimento para Josefa e palavra para Catarina) o que, naturalmente, fez com que o processo fosse muito entrelaçado. Uma das ferramentas que trouxeram, e que trabalharam em Coimbra, veio do livro “Irmã Outsider”¹

1 LORDE, Audre, Usos do Erótico: o Erótico como Poder, in Irmã Outsider, ed. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2019

de Audre Lorde e do seu texto sobre a potência do erótico: “Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas.” Procuraram ativar, no grupo de mulheres, essa ideia de uma força vital que é ativada por cada uma dentro de si mesma, como um dínamo.

Nas duas primeiras semanas as artistas exercitaram esta pergunta e aprenderam muito com este encontro e diálogo. Este projeto, por estar na fronteira fértil entre ativismo e trabalho artístico, apresentou à equipa diversas questões, nomeadamente a questão da necessidade de escolhas formais dos materiais criados com as participantes, com vista à construção de um objeto artístico. Para além disso, a pesquisa procurou alargar também o espectro das práticas desenvolvidas, problematizando as fronteiras de conceitos como ritual / terapia / ativismo. Este questionamento permitiu à equipa perceber que o projeto se posiciona em diálogo com estas fronteiras, mas que ativa sobretudo práticas e ferramentas artísticas.

Um dos objetivos principais desta residência foi também a de gerar um lugar de encontro e de desencontro, porque segundo Catarina, num encontro há sempre desencontro e seria importante criar um contexto, para que o encontro entre as mulheres participantes fosse bastante aberto. Segundo ela, foi bastante interessante

trabalhar com pessoas que têm experiências diferentes, em termos de resposta, de prática de corpo e de voz, de questões éticas mesmo; perceber quanto se pode pedir de *savoir faire*, de execução, e quanto o lugar desse encontro com a questão ética se torna importante. Era sua intenção, ao trazer práticas artísticas que têm um objetivo, ou que têm um fazer, que têm lógicas diferentes do quotidiano, convidar as pessoas a sair de um lugar conhecido, cartear territórios desconhecidos, considerando que é isso muitas vezes que produz mudanças. Interessa-lhe muito esse diálogo, essa tensão.

Para Catarina, houve um momento charneira no workshop que provocou uma mudança na implicação e presença de todas as mulheres. Foi quando trouxeram a palavra transformação e convidaram cada uma a tomar o espaço do workshop como um espaço real de transformação para as mudanças que cada uma necessita: “Eu preciso disto, eu hoje faço isto”. Foi uma tentativa de gerar autonomia nas participantes, já que, quando cada uma se responsabiliza pelo modo como quer e pode estar presente no grupo, isso gera inevitavelmente transformação no espaço coletivo.

Esta residência tinha como propósito uma apresentação final. Devido às restrições sanitárias, esta apresentação passou de um convite aberto à população para um ensaio com convidados, feito nos Claustros do Colégio das Artes. Para Aixa, os primeiros quinze dias de trabalho com as suas colegas foi o espaço de imaginar práticas artísticas com o

Outro que não conheciam para, nos seguintes quinze dias encontrar-se com o Outro, com as suas limitações e potencialidades, com a intenção de encontrar algo forte, pensando no espetador, de quem está fora, mas que seja significativo do seu trabalho mas também para as mulheres que participaram, podendo apropriar-se desse mesmo trabalho.

Assim, a preparação da apresentação consistiu em selecionar lugares, práticas que tinham sido repetidas bastantes vezes, com a intenção de dar um lugar de segurança a quem vai performar, e paralelamente, usar práticas que tinham a ver com eixos dramaturgicos presentes desde o início, a ideia de amplificação, a ideia de sustentação e uma pergunta: “Como contar a história, como criar discurso?”. Consideram que vão incluir esta dramaturgia na fase de trabalho em que estão, ainda muito em aberto: às vezes fazer uma montagem desde o ponto de vista do fazer artístico, pensar espacialmente onde é que cada prática faz mais sentido, às vezes entender se sonoramente estão a ir de uma voz que vai diretamente da respiração para a palavra; uma dramaturgia do fazer em vez de uma linha narrativa conceptual muito sólida e que seguirão a trabalhar, depois desta residência. Josefa considera mesmo que este é o momento de avançar para o próximo passo, isto é, no aprofundamento de todo o material de onde poderão vir fricções mais intensas, dado que até agora estiveram muito sensíveis a escutar o lugar de cada uma e cada proposta feita.

Catarina concorda com esta visão e considera que é importante pensar de que forma a sensibilidade pessoal de cada uma se pode tornar numa ação coletiva em que todas embarcam, cada uma com a sua diferença.

Muito do seu esforço e desafio nesta residência foi o de entender como poderiam ativar um trabalho transformativo das palavras, histórias ou perguntas silenciadas e se o poderiam transformar em material poético, imaginário que permitam criar discursos coletivos.

Saem desta residência com várias práticas que têm que organizar, pensar nas suas ligações e no trabalho de transformação que foi conseguido, de como poder propor uma nova camada a partir da ideia de fractal.

Olhando para o trabalho realizado, desde o ponto de vista curatorial, parece-me que estas artistas estiveram a investigar sobre práticas, a experimentar práticas para chegar a uma prática do coletivo que está diretamente ligada com a construção de um espaço de conforto para avançar para uma disrupção possível, sem esquecer nunca a Outra, mas mantendo a sua individualidade. Nesse sentido, esta prática tem muito a ver com uma consciência política da necessidade de cuidar da outra pessoa, sem perder a sua própria identidade, um espaço de democracia.

Damos espaço à equipa artística em residência para expressar o que querem deixar como sua marca, sua impressão digital do que foi a passagem por Coimbra.

Catarina Vieira deixou-nos este texto, nós juntamos as caras.

Democracia é uma praça



Foto: Francisco Laureano

Democracia é uma praça.

É cruzar a praça e chegar ao fim inteira.

Quanto tempo demora uma pessoa a refazer-se de um ataque? Ataque à integridade. Ataque à casa. Ataque à terra. Ataque aos ecossistemas. Ataque ao corpo. Ataque à possibilidade de respirar, de existir.

Quanto custa manter a integridade física, sexual, económica, social, psíquica, emocional?

Quanto custa reconstruí-la, desde o zero, apanhando os fragmentos espalhados no meio da paisagem?

Democracia é ter direito a apoio durante a reconstrução de tudo o que o ataque, o golpe derrubou. As casas, os trabalhos, os vínculos, os lugares, as memórias.

Democracia é uma praça.

Um grupo circula livremente. Para em frente a um microfone improvisado. O grupo instala-se e faz dessa praça um lugar de vida. Organizam-se as dimensões dessa vida: comer, pensar, falar, resistir, limpar, cuidar, barricar, defender, construir.

Às vezes, surge um canto. Quase sempre há um canto.

"If I had a hammer..."

Democracia é um quarto. É uma cama. é uma casa demasiado pequena para tanta gente. Negociar limites, propriedades, desejos, em sussurros, aos gritos.

Há espaço para a minha voz nesta casa?

Pode caminhar livremente a minha voz? Na rua, no beco, no metro, na floresta, na porta do prédio, no corredor, no armário.

Será que a minha voz pode fincar o pé no meio da praça e insistir em permanecer, em abrir um lugar? Para si e para as outras vozes que a acompanham.

Sustentar o esforço da aparição das nossas vozes na paisagem sonora que partilhamos. Sustentar a respiração, sustentar a afinação, sustentar a memória de cada palavra, sustentar a intensidade da nossa intenção.

Não estamos sozinhas.

Acompanham-nos a memória de todas e todos que cantaram antes de nós e de todas e todas que morreram para que pudéssemos cantar.

A voz de todas e todos que cantaram para se sentirem menos sós, para juntarem a sua voz a outras vozes, não necessariamente por identificação, mas por ressonância urgente.



Fotos: Francisca Laureano

Acompanham-nos as vozes de todas e todos que irão precisar de cantar na rua, uma e outra vez, para protestar, reclamar, lamentar, denunciar, afirmar as dimensões inegociáveis das suas vidas.

Acompanham-nos as vozes anónimas, silenciosas, silenciadas, em surdina, atrás de paredes, armários, caves, caixas, categorias, decretos, leis, normas, hospitais psiquiátricos, guetos, acampamentos, cabanas, florestas, recifes de coral, pantanais, estepes e demais ecossistemas onde a vida — toda a vida — insiste em proliferar em riqueza, singularidade e diversidade.

A PRÁTICA ENQUANTO ESPETÁCULO

Catarina Saraiva, a partir de entrevista a Aixa Figini, Catarina Vieira e Josefa Pereira

As práticas artísticas são formas de fazer o pensar e de colocar em prática o desenvolvimento conceptual de uma ideia, apoiando o processo de criação. Não sendo propriamente uma metodologia de criação, são ferramentas que definem uma orientação no desenvolvimento da criação artística até à finalização da mesma.

No caso específico de “As canções que cantamos contra os muros que limpamos”, o próprio projeto é um conjunto de práticas artísticas transpostas para uma relação entre três pontos: a equipa artística e seu desejo, as participantes e suas vontades e o público, receptor de um projeto desenhado a partir de uma dramaturgia feita pelo conjunto de práticas experimentadas, desenvolvidas e rejeitadas durante todo este período.

Foi numa conversa com Catarina, Aixa e Josefa que falámos sobre as suas práticas e o que estas significam para o seu trabalho.

Para as 3 artistas, a diferença entre práticas e exercícios pode não ser tão evidente. A prática descobre-se no

seu fazer e efetiva-se quando se faz. Enquanto que o exercício poderá estar mais conectado à ideia de estudo, a prática está mais ligada ao existencial. Um exercício pode ser um meio para um fim, para aprender, uma preparação, enquanto que a prática pode estar contida em si mesma, uma coisa que tem certo valor intrínseco, ao exercitar a prática, exercitas também o valor da prática em si. Josefa falou inclusive que muitas das práticas desenhadas ficaram na esfera do exercício devido às características do grupo de mulheres com que trabalharam. Assim, as práticas aparecem pela consciência do que ela pode ser, da forma de implicação nesse fazer e só depois de assumida a sua consistência, fazendo então depender a passagem de um exercício para uma prática, de acordo com o contexto e pessoas que constituem um grupo de trabalho. Numa anterior residência já tinham reunido várias práticas e nesta residência saem com uma compilação entre 20 a 30 práticas a executar noutros contextos. Aqui deixamos algumas.



O composto. A partir do material que for surgindo, pensar em exercícios que permitam uma transformação desse mesmo material. Um exemplo: escrever coletivamente uma canção relacionada com o tema, devolver a canção para que cada uma faça a sua versão e, por fim, retirar frases importantes da versão pessoal para voltar a escrever a canção em conjunto. Esta prática tem em consideração a sobreposição de camadas, nada desaparece, cada

Espaços de encontro. A partir do princípio ético ou metodológico de trabalhar sem esforço, sem quebrar os limites de ninguém. Parte-se da premissa que o outro tem que estar confortável, fazer o que quer, onde quer, adaptando a sugestão, sem medo de pausas e de fazer menos que os demais, de forma a que se sinta num espaço de liberdade. A partir desse lugar avançar para o desconhecido com a consciência dessa liberdade, permitindo assim confrontar certas práticas sempre em diálogo e com a capacidade e espaço para digerir.

A repetição. Fazer de novo, insistir no fazer de forma a ativar e habilitar a prática do fazer em espaços não tão confortáveis. A repetição vai permitir desdobrar a consciência de algo muito simples, e como exemplo está o trabalho de loops desenvolvido por Aixa.

O diálogo. Partir da ideia de questionamento constante de como tornar o lugar de decisão o mais horizontal possível, ainda que se esteja a trabalhar sobre um objeto artístico e que precisa de escolhas para avançar, muito especialmente quando se trabalha com pessoas que não são artistas. Para isso existem várias estratégias:

- a) Criar um dispositivo onde podem entrar elementos e ideias vindas do grupo, sendo que o processo de tomada de decisão sobre o que usar passa por todo o grupo.
- b) Desenvolver várias práticas que podem vir a transformar-se em práticas de apresentação e vê-las como essa possibilidade para entender se vale a pena seguir em frente.
- c) Exercícios de dinâmica de grupo, para a tomada de decisão.

PRÁTICA PARA PARTILHAR

A RODA DE LOOPS

Num círculo fechado, fazer um som, manter esse som e passá-lo à colega da direita, utilizando a mão para passar, a colega da direita recolhe esse som com as mãos em concha, integra-o e passa da mesma forma à colega da sua direita. Cada pessoa vai assumindo o som que ouviu, integra-o e passa esse mesmo som à sua colega até dar uma volta completa, continuando a repeti-lo até que novo som lhe chegue, até que se decida parar.

Esta prática é muito complexa e, ao mesmo tempo, muito simples. Permite que todas as pessoas participem, é muito democrática e muito singular ao mesmo tempo. Cada pessoa propõe um loop individual mas sempre em diálogo, com a intenção de preencher os espaços vazios ou o silêncio do outro. Implica uma escuta do som que lhe é entregue, uma atenção na recolha e passagem do som. Não é uma escuta intermitente, é uma escuta no tempo presente, e uma sustentação de um fôlego, coloco o meu ar — e de acordo com o que diz Bifo Berardi² que vai à etimologia da palavra ‘conspirar’, que é respirar juntos — e num fôlego, o teu ar entra em mim, e depois sai de mim e entra em ti, sustentando esse lugar orgânico de respirar juntas, de conspirar juntas... e de construir juntas, de acordo com a ideia de que desta individualidade de cada voz se constrói uma coisa que é maior, que é sustentada por todas.

2. BERARDI, Franco. Breathing: chaos and poetry. South Pasadena: Semiotext(e), 2018. “‘I can’t breath’ as schizo-analysis: chaosmosis, poetry and cinema” (interview). La Deleuziana, n. 9, pp. 219-230, mar. 2019.

A ARTICULAÇÃO ACADÉMICA ATIVISTAS FEMINISTAS: DIÁLOGOS URGENTES E NECESSÁRIOS

Sara Yaneth Fernández Moreno
Aluna de Pós-Doutorado CES U. Coimbra
sarafernandez@ces.uc.pt
Professora da Universidade de Antioquia
Sara.fernandez@udea.edu.co

O festival e laboratório Linha de Fuga acontece em ciclos bienais, de forma a que seja possível, no ano seguinte, um acompanhamento a algumas das propostas de artistas que participaram no laboratório.

A relação com o CES permitiu, de uma forma interessante, conectar as investigações artísticas com as académicas. Venho de uma universidade pública e defendo o direito à educação como um direito humano fundamental; considero que a articulação solidária da academia com a sociedade é uma forma justa e enriquecedora de retribuir o que esta contribui para a formação cívica, humanística, técnica e profissional a quem a ela consegue aceder. Como universidade pública, a extensão universitária trata justamente disso:

aproximar-se da sociedade em geral, e de quem não tem acesso às salas de aula da universidade em particular, de níveis de conhecimento que humanizem, dignifiquem e honrem a vida e a existência humana num sentido filosófico completo e amplo. O acesso a outras formas de saber e conhecimento faz da educação um trabalho abrangente e profundamente cidadão.

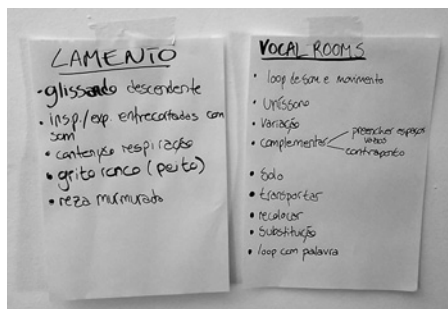
Defino-me como académica, ativista e feminista há mais de 25 anos. Trabalho no território latino-americano, tenho caminhado e construído processos, faço parte de redes e movimentos feministas tanto na Colômbia como na América Latina, por isso não hesitei um segundo em aceitar o convite para acompanhar o projeto artístico que Linha de Fuga propôs ao CES este ano e que consistiu



em seguir o processo artístico de Catarina Vieira intitulado “As canções que cantamos contra as paredes que limpamos”. Catarina esteve em residência artística em Coimbra entre 21 de junho e 18 de julho.

O trabalho de Catarina é sobre feminismo e repressão, através de um processo artístico apoiado pela sua equipa: Aixa Figini (Argentina) cantora e mágica da música e improvisação técnica vocal e Josefa Pereira (Brasil) coreógrafa e bailarina, ambas a viver em Portugal há algum tempo.

O projeto propõe trabalho coletivo com um grupo de mulheres com quem se tece o sentido, palavra, corpo, voz e movimento para uma apresentação em espaço público; ainda que seja inspirado em grupos corais, vai mais além, dado que o trabalho coletivo, realizado num tempo curto mas intenso, permitiu dar voz às desigualdades de género, às dores mais profundas de ser mulher de diferentes idades, raças, condições e interesses. Devido à natureza participativa, o coletivo foi ganhando força a partir dos encontros diários, da voz, do movimento e do sentido da palavra de mulheres, entre mulheres, sobre



mulheres e para mulheres. Este último aspecto não é menor, porque nas oportunidades que tive de as encontrar desde a primeira à última sessão pude, de fora, reconhecer o seu crescimento individual e a sua força de grupo.

Conhecimento pessoal, conhecimento comum e ação comunicativa com corpo, voz e movimento

A consciência de que eram coautoras do material desenvolvido e da futura apresentação promoveu apropriação e força aos exercícios realizados, os cumprimentos em cada ensaio eram cada vez mais sentidos e celebrados. Cumprimentei uma delas numa das últimas sessões, disse-lhe “Olá, como estás?” Disse “Feliz! Estou muito bem, gosto muito de vir, precisava deste espaço...” Aqui em ação, o pessoal é potenciado, o que é claramente político na abordagem feminista, com o estético-criativo e com o público, o que tece, une, articula e dá sentido. Aspirar ao reconhecimento pleno entre as mulheres: dar-se nome, reunir-se, olhar-se e conversar é poder; é poder dizer coisas, sentido e voz, é poder juntar presença e mensagem como nas explosões, marchas, mobilizações e

expressões coletivas, fato que se refletiu na encenação que todas realizaram.

Fluiu muito bem, com Aixa, Catarina e Josefa o tecido de palavras que surgia no seu dia a dia, as suas paredes cheias de expressões, mensagens, cores, imagens e narrativas partilhadas cresceram como elas até à apresentação pública onde nos ofereceram imagens potentes, cheias de conteúdo, como aquela em que foram UMA numa parede de corpos, vozes e sons caminhando ou avançando juntas num crescendo que encheu o lugar de forma poderosa,

e especialmente a última, onde plantaram a sua voz e a sua doce palavra no campus universitário do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, no espaço onde funcionou o hospital universitário até finais dos anos setenta e que se abriu para acolher o sentido das mulheres de Coimbra que participaram nesta apresentação e deixaram a sua mensagem, contundente e decidida:

Elas acendem o lume.

*Tenho abelhas na boca,
quero deixá-las voar!*

Os corpos criaram estrelas...

DEFINITIVAMENTE, O FEMINISMO AINDA É NECESSÁRIO

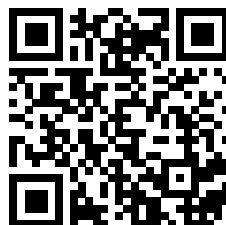
«Feminismos e Resistências» foi o tema da primeira sessão de «Conversas com a Academia», com a participação de Aixa Figini, Catarina Vieira e Josefa Pereira (artistas em residência), Linda Cerdeira e Tatiana Moura (investigadoras do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra).

Desde a Rádio Baixa, no final de tarde de 30 de junho, para lançar a «Conversa», usámos uma frase de Audre Lorde, escritora caribenha-americana, feminista e ativista dos direitos civis, que inspira o trabalho de Catarina Vieira. «Your silence will not protect you» foi o mote para

falar de opressão numa sociedade ainda definida pelo poder patriarcal. E perguntámos: porque continuamos a debater esta questão em pleno século XXI? Ainda precisamos de feminismos?

Numa conversa sobre vozes silenciadas, uma mulher pediu para participar e lançou a provocação da necessidade de telepatia... Os muitos casos de que se pode falar, e que são de perto e de longe, visíveis e ocultos, mostram o quanto as variáveis introduzidas por diferentes contextos sociais e políticos, alteram a condição das mulheres. Para quem não assistir, a resposta: ainda é necessário, definitivamente, ser feminista neste mundo.

A sessão foi transmitida em streaming e pode ser vista aqui:



«Conversas com a Academia» é uma iniciativa de Linha de Fuga que promove um diálogo entre investigações académicas e artísticas, em colaboração com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Na Rádio Baixa.



TODA A PRODUÇÃO ARTÍSTICA OCUPA UM LUGAR POLÍTICO SOBRE “AS CANÇÕES QUE CANTAMOS CONTRA OS MUROS QUE LIMPAMOS”

Alexandre Valinho Gigas

Estou sentado no chão de uma sala de ensaio. À minha frente, numa assembleia de cadeira e pessoas, todos se apresentam por suas palavras. Remeto-me ao último colectivo que observei e do qual vi um “produto” artístico. Tratavam-se das mulheres que estiveram na residência que refiro no título, *As canções que cantamos contra os muros que limpamos*. Diz a curadoria que são Residências Contra[o]tempo. Este chão frio, que agora sustenta o meu corpo e o meu tempo de escrita, é palco desta perspectiva. Semeio o tempo do meu labor.

Ando ocupado no quintal, a preparar terreno para as culturas de Inverno. Não escrevo. Canto enquanto trabalho, porque essa respiração e ritmo da produção, não tem um valor, mas sim uma cadência. Assim é também mais fácil encontrar lugar de parar, para uma conversa, um encontro. Aí, os encontros tomam o lugar de uma frase que ouvi, no último espetáculo da Cláudia Dias que vi: “Cada palavra é um tratado!”

Agora é tempo de escrita.
A respiração é outra. As mulheres que

ouvi fixaram tratados com o canto e o gesto, recuperando uma ideia belíssima de estar juntas. Semearam, num plácido final de tarde no Colégio das Artes, em Coimbra, o tempo da sua luta, do seu labor, do seu lazer, do seu pensamento. Toda a produção artística ocupa um lugar político. As criadoras e as participantes ocuparam um lugar político de liberdade total de existência e de estar com o outro, com o qual me reconheço. Quando elas acariciavam a terra, semeando o cuidado, os sinos da Sé e da Universidade distanciavam-se do seu poder oficial e perdiam peso no final do dia.

Pauso com tempo nesta imagem, para voltar a observar este novo colectivo, em ensaio com o Francisco Camacho; para um cigarro lá fora e um olhar sobre as nuvens do céu. O trânsito da cidade deixa-se de ouvir. Ao voltar para dentro, transporto ainda o canto das mulheres que acariciavam a terra e me falavam do cuidado, que é político e transporta formas alternativas de assembleia, onde todos poderemos semear o futuro.

BIOGRAFIAS

Catarina Vieira | *Direção Artística* (PT)
Criadora e performer, cujo trabalho articula diferentes áreas artísticas: Teatro, Dança, Performance e Vídeo. Licenciada em Atores/Encenadores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Frequentou a École des Maîtres, com direção de Ricci/Forte. Mestrado Das Theatre, da Amsterdam University of the Arts.

É uma das fundadoras da Vertigo — Associação Cultural. Entre 2007 e 2015, criou, várias peças em colaboração com Solange Freitas, ou com Tiago Cadete. Como performer, trabalhou com Rimini Protokoll, Ricci/Forte, El Conde de Torrefiel, Jérôme Bel, Edit Kaldor, Lodovica Guarnieri e Marina Nabais. Criou o seu primeiro espetáculo em 2018. Dirige “Matéria”, um estúdio aberto para a partilha de práticas baseadas no movimento, com encontros mensais em Lisboa.

Aixa Figini | *Direção Musical* (ARG)
Cantora, musicóloga e produtora argentina. Licenciada em Artes Musicais pela Universidad de Buenos Aires. Estudou também na Escola de Música Contemporânea de Buenos Aires. Posteriormente, interessada na gestão das artes performativas, realizou um mestrado em Gestão e Políticas Culturais na Goldsmiths University of London, no Reino Unido. Na Argentina aprendeu com mestres da voz e da interpretação como Susana Rossi e Juan Carlos Cuacchi, e estudou percussão e cantos africanos.

Josefa Pereira | *Co-criação e Intérprete* (BR)

Performer e coreógrafa. Baseada em Lisboa, vive entre pontes e parcerias com a sua cidade, São Paulo, onde se graduou em Comunicação das Artes do Corpo (PUC-SP, BR) e em Amesterdão onde atualmente cursa mestrado no programa DAS Choreography. Sua trajetória é marcada por diversas colaborações e participações em projetos da cena paulistana, onde surgiram interesses em torno de coletividade, presença e gestualidade como campo de tensionamento estético e político. Desde 2008 atua como arte-educadora e desde 2019 atua como professora de dança junto ao Forum Dança.

Artur Pispalhas | *Documentação e Edição de Som* (PT)

Pós-graduado em Arte Sonora (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa), graduado em Som (Escola Superior de Artes e Design — Caldas da Rainha) e técnico em Gestão e Produção de Música (Escola de Tecnologias Inovação e Criação).

Trabalha como músico em criações independentes e como sonoplasta, desenhador de som/luz e director técnico em colaborações com outros artistas e colectivos, como Loreto Martínez Troncoso, Teatro do Silêncio, Sara Anjo, Maja Escher, Nina Botkay, Catarina Vieira, David Marques, Teresa Silva, Apneia Colectiva. Integra a PENHA SCO Arte Cooperativa e a Ensaios e Diálogos Associação.

BIBLIOGRAFIA

Your silence will not protect you, Audre Lorde, ed. Silver Press

Irmã Outsider, Audre Lorde, ed. Autêntica

Esferas da Insurreição, Suely Rolnik, ed. n-1 Edições

For more than one voice, Adriana Cavarero, ed. Stanford University Press

'Rethinking Vulnerability and Resistance', in *Vulnerability in Resistance*,

Judith Butler, ed. Duke University Press



Foto: Francisco Sousa

AS CANÇÕES QUE CANTAMOS CONTRA OS MUROS QUE LIMPAMOS

Direção Artística: Catarina Vieira

Direção Musical: Aixa Figini

Interpretação e co-criação: Josefa Pereira
e Ariana Gomes, Bárbara Sena, Cristiana
Nogueira, Cristina Janicas, Joana
Ferreira, Mariana Brum, Mariana Keating,
Marta Nogueira

Documentação e edição do arquivo
sonoro do projeto: Artur Pispalhas

Apoio: Linha de Fuga

Residências artísticas: Alcantara;
Centro Cultural da Malaposta; Linha de Fuga;
Musibéria; Espaço da Penha | O Rumo do Fumo

Esta Residência Contra[o]Tempo teve o apoio de:



Parceiro Institucional: Garantir Cultura



Apoio:



CÂMARA MUNICIPAL
da
COIMBRA

UNIÃO DAS
FREGUESIAS
de
COIMBRA



linhade fuga.pt